



## Editorial nº 36

Sempre é motivo de felicidade a publicação de artigos que tratam das questões envolvendo a extensão universitária. Assim, publicizar experiências e projetos é fundamental para a consolidação e fortalecimentos desta que é um dos pilares da Universidade. Apesar dos documentos oficiais, como a própria Constituição de 1988 assegurar a extensão como parte indissociável da constituição da Universidade (ensino, pesquisa e extensão), ela ainda enfrenta resistências e dificuldades para ocupar um papel essencial e importante na formação das acadêmicas e acadêmicos brasileiros.

Mesmo previsto no Plano Nacional de Educação (2014-2024) e em outros documentos legais, em muitas instituições e em diversas áreas do conhecimento se mostraram críticas e resistentes à implantação do que se convencionou chamar de “curricularização” da extensão. Todos os currículos universitários das mais variadas áreas do conhecimento deveriam reservar ao menos 10% da carga horária total do curso para a atividades extensionistas. Logicamente, que não se trata simplesmente de cumprir uma normativa, mas assegurar que a extensão, articulada com ensino e a pesquisa, tenha um papel relevante e integrante na formação dos mais diversos profissionais que saem das nossas instituições de ensino superior. Embora esta implantação é ainda recente e muitos programas de cursos estão sendo ainda reformulados para atender esta exigência legal, verifica-se que muitas soluções encontradas pelos cursos e instituições para inserir a extensão no currículo visa muito mais o cumprimento da norma, sem o devido entendimento necessário do papel das ações extensionistas no contexto atual da formação profissional.

A extensão, por sua natureza, é a possibilidade de a Universidade entrar em contato direto com a comunidade, com as pessoas que vivenciam diariamente os problemas sociais das mais variadas ordens (saúde, educação, segurança, transporte público, ausência de infraestrutura básica e outras tantas questões). É o lugar das populações

periféricas das grandes cidades brasileiras, dos pequenos agricultores do campo, dos movimentos sociais das mulheres, dos sem terras, das comunidades ribeirinhas, da comunidade LGBTQIA+, das populações deslocadas para construção de barragens, do movimento negro e dos povos indígenas e muitos outros, ou seja, trata-se da grande maioria da população excluída dos grandes projetos de urbanização e modernização que atingiu sempre as camadas mais privilegiadas e seu patrimônio. Colocar as acadêmicas e acadêmicos em contato com essa realidade que inclui grande parte da população brasileira é imprescindível. Não se trata apenas de constatar os terríveis problemas sociais, mas, mais do que isso, é urgente juntar-se às camadas populares e com ela pensar possibilidades para enfrentar os desafios vivenciados. Isso é uma parte muito significativa da formação que não pode ser deixada de lado ou vista como o cumprimento de uma mera determinação legal.

Como disse Paulo Freire: “Não há saber mais ou saber menos, há saberes diferentes”. A extensão precisa ser encarada como uma possibilidade de diálogo entre os saberes científicos e os diferentes saberes populares. Não basta a Universidade se ver como a detentora da “verdade” e enxergar as comunidades como lugares vazios de conhecimentos e que, portanto, estas populações precisam aprender com os doutores e seus acadêmicos. Isso não pode ser encarado como extensão universitária. Nesta perspectiva, caímos na lógica do mercado, no puro assistencialismo que presta um “serviço” à comunidade. Não há qualquer tipo de envolvimento ou trocas de saberes. Os abismos sociais, historicamente consolidados no país desde a colonização, continuarão a existir. Para melhor compreender isso, nada melhor do que a própria trajetória de Paulo Freire e a sua proposta de alfabetização de adultos. Os colaboradores da proposta de Freire, na maioria das vezes estudantes universitários, iam para os interiores do Brasil, conhecer o povo e sua realidade. Os pescadores, agricultores e todos os envolvidos eram ouvidos atentamente. Eram estimulados a falar de si, da vida que levaram, das relações de poder no qual estavam inseridos. A matéria-prima do processo de alfabetização, que também era de formação política, vinha dos elementos culturais e materiais da própria comunidade, ou seja, nada do que era trabalhado ali era estranho à população local. Era uma proposta de extensão orgânica, dialógica e de profundo respeito com os valores e os saberes das pessoas que ali viviam.

Em um período complexo que vivemos de pós-pandemia, descrença na capacidade da ciência, proliferação de falsas notícias, negação do conhecimento, da educação e fortalecimento de ideais autoritários, segregacionista e misóginas, talvez o melhor

caminho seja investir e valorizar os valores democráticos, o fortalecimento do papel da Universidade e porque não dizer da extensão. Como já foi dito antes, a extensão é a possibilidade de a Universidade estar cada vez mais presentes na vida das camadas populares e dos movimentos sociais, ocupando o espaço que hoje está nas mãos da grande mídia e das redes sociais e de grupos de interesse com valores incompatíveis com a democracia, a justiça social e uma sociedade sustentável.

Nesta edição da Revista são publicados dez textos envolvendo artigos originais e relatos de experiências abordando temáticas na área da educação, da saúde, da assistência veterinária, da psicologia e da terapia ocupacional. É interessante observar que as ações são originárias de todas as regiões do país. Isso demonstra que a Revista vem atingindo públicos de das mais diversas realidades brasileiras. Aqui o leitor poderá ter uma visão panorâmica do que vem sendo produzido nas instituições universitárias brasileiras.

Na área da saúde, as atividades desenvolvidas pelos estudantes do curso de Fisioterapia da UFPR (Universidade Federal do Paraná) em Curitiba junto a uma escola pública, procuraram abordar os eixos vida ativa, alimentação saudável, educação sexual e saúde mental. O público alvo são os adolescentes que se envolveram com as ações desenvolvidas. Aqui, ressalta-se a importância do diálogo entre a Universidade e a escola da Educação Básica. Outra experiência interessante ocorreu no campo da terapia ocupacional que por meio de um projeto de extensão desenvolveu tecnologias assistivas para o desempenho de atividades funcionais de indivíduos com deficiência visual. Importante mencionar que as atividades foram desenvolvidas com a participação ativa dos pacientes em todo o desenvolvimento do projeto como avaliação, intervenção e reavaliação dos processos.

Na região sul do Brasil, na cidade de Novo Hamburgo no Rio Grande do Sul uma importante ação de extensão se debruçou sobre os impactos psicológicos na saúde mental de mulheres vítimas de relacionamento abusivos. O projeto envolveu entrevistas com 10 mulheres visando compreender com elas interpretam o que seja um relacionamento abusivo e os resultados disso para sua saúde. Trata-se de uma relevante proposta que traz à tona esse tema tão urgente não apenas para o público feminino, mas toda a população. Além disso, o assunto é pouco abordado nos diferentes espaços sociais.

Da região norte temos o artigo sobre o trabalho de assessoria técnica a produtores rurais de gado leiteiro de Nova Amazônia no estado de Roraima. O projeto consistiu no acompanhamento e orientação das medidas necessárias para evitar a mastite, uma doença que pode atingir as vacas leiteiras devido, principalmente a falta de higiene e do não uso

de produtos adequados. Os resultados foram auspiciosos, pois apenas 7% dos animais, após o desenvolvimento da ação, apresentaram a mastite. Trata-se de uma ação de impacto social, pois afeta tanto os consumidores de produtos lácteos como os produtores que podem comprometer a renda da propriedade.

Na área da educação temos o maior número de trabalhos publicados. Os temas pesquisados envolveram a percepção de professores de escolas públicas de Rio Verde em Mato Grosso sobre o diagnóstico de alunos com deficiência e as implicações disso para que as crianças possam, o mais cedo possível, serem atendidas em suas necessidades, inclusive com a adaptação curricular. O projeto verificou a importância que temas relacionados à Educação Especial Inclusive possui na formação dos professores e outros profissionais da educação. Na Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG) na cidade de Carangola foi implantado o Jardim Didático Sensorial-Evolutivo com o objetivo de estimular o ensino de botânica, bem como criar um espaço de interação entre a escola e a Universidade. Como enfatiza o artigo, esse tipo de experiência vislumbra outras possibilidades de aprendizagem e rompe com o modelo tradicional de aula em espaço fechados e monopolizados pela fala dos professores. Outra iniciativa interessante refere-se ao relato de experiência sobre Banco Comunitário Jardim Botânico na Comunidade São Rafael na Paraíba. Os estudantes do ensino superior são mobilizados a conhecer formas alternativas de crédito agrícola para pequenos proprietários da região, numa ação de resistência de lutas das comunidades rurais que buscam meio independentes dos grandes complexos bancários para financiar a produção de alimentos básicos. No ensino de geografia, a Universidade Estadual da Bahia em parceria com professores e gestores de escolas públicas, desenvolveram um atlas geográfico local para o desenvolvimento de aulas com os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental. Esta iniciativa além de envolver os professores como autores do material didático, busca valorizar os conhecimentos sobre a região. Por fim, temos o relato de experiência de uma ação de extensão promovido pelos estudantes do curso de Letras do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) que ocorreu na cidade de Bento Gonçalves. Trata-se de um curso de Língua Portuguesa para imigrantes estrangeiros. Aqui buscou-se levar em conta a situação de imigrantes e as dificuldades de comunicação. Os resultados foram importantes para que facilitar o processo de adaptação e uma melhor inserção social e profissional dos imigrantes e refugiados.

Os artigos e relatos de experiência que constituem a presente edição é uma prova viva de que a extensão é essencial para a formação de profissionais das mais diversas

áreas. A extensão universitária tem como alvo colocar em diálogo a comunidade e a Universidade para que juntas possam contribuir de forma efetiva na construção de uma nação mais justa, igualitária e democrática no sentido pleno que isso o termo implica.

Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia

Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Realeza PR

Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Estadual do Oeste do Paraná